



A interculturalidade como eixo transversalizador no “Mapa de Aprendizagens para a Formação Integral” do Colégio Antônio Vieira, Brasil

Ana Paula Marques¹

Abril de 2023

Resumo

O presente artigo aborda a interculturalidade crítica como pressuposto curricular fundamental no projeto educativo das escolas jesuítas. A interculturalidade é explorada como um conjunto de propostas curriculares de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a sua integração a partir da valorização das diversidades e o combate das intolerâncias e exclusões, por meio de estudos e análises críticas. Inicialmente, o texto contextualiza o tempo presente, evidenciando as demandas da interculturalidade no âmbito da educação e o compromisso da escola, como prática social, em trabalhar tais questões a partir do currículo. Nessa perspectiva, o artigo traz, a partir da citação de documentos da Companhia de Jesus, o compromisso das escolas jesuítas com tais insurgências, apresentando como o Colégio Antônio Vieira (Salvador-Ba), desde o seu PPP e o seu MAFI, desenvolve ações e projetos educacionais que exploram as diversas frentes e dimensões da interculturalidade. Como ilustração, o texto ainda apresenta algumas práticas pedagógicas desenvolvidas por meio de projetos interdisciplinares e ações educativas.

Palavras-chave: interculturalidade, escola, currículo, Projeto Político Pedagógico, Mapa de Aprendizagens para a Formação Integral, práticas pedagógicas.

A contemporaneidade e as demandas interculturais

As sociedades contemporâneas vivenciam um contexto de grandes, profundas e vertiginosas transformações socioculturais, que geram sentimentos e valores, muitas vezes, contraditórios. A afirmação das diferenças – étnico-raciais, religiosas, de gênero, de orientação

¹ Doutoranda no PPG Educação UNISINOS. Mestre em Gestão Educacional da UNISINOS. Diretora Acadêmica do Colégio Antônio Vieira, Salvador-Ba. Artigo publicado no Boletim de Abril de 2023 do Centro Virtual de Pedagogia Inaciana (CVPI), da Conferência de Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL) da Companhia de Jesus.

sexual, de línguas etc. - e a presença de diversos e novos grupos socioculturais nos cenários políticos vêm gerando conflitos e múltiplas problemáticas, que, muitas vezes, se traduzem nos movimentos sociais que denunciam preconceitos, discriminações, intolerâncias, exclusões, desigualdades e as diversas formas de violência. Mas também, em paralelo, reivindicam equidade e o acesso aos bens comuns, além do reconhecimento político e cultural (CANDAU, 2012).

Ao mesmo tempo em que as questões culturais engendradas na e pela globalização têm forjado estilos de vida padronizados e pautados nas lógicas empresariais, mercadológicas e consumistas, é possível reconhecer múltiplas produções identitárias locais dos diferentes grupos socioculturais, dando maior visibilidade às lutas pela afirmação das diferenças como direito inalienável.

De acordo com Reis (2017),

neste cenário, podemos observar uma ampla heterogeneidade cultural coexistindo a partir do velho e do novo, do moderno e do tradicional, do universal e do particular, do local e do global associada a sujeitos que não mais se definem por identidades fixas, estáveis, mas por identidades que estão constantemente sendo desestabilizadas, deslocadas e fragmentadas, portanto, pela “descentração do sujeito” na modernidade tardia (HALL, 1997). É um panorama no qual se acentuam as diferentes expressões culturais que constituem os sujeitos nas tramas de uma sociedade destacada por seu pluralismo. (REIS, 2017, p. 139).

E a escola, como prática social, lida diariamente com essas questões. No seu processo complexo e dialético, entre afirmações e conflitos, precisa tornar-se lugar potencial de reconhecimento, de discussões e de análises críticas a respeito das diferenças e das causas dos ressentimentos, intolerâncias e das diversas formas de violência. Segundo Candau, “inúmeros têm sido os estudos e as pesquisas que identificam, descrevem e denunciam situações em que alunos/as com determinadas marcas identitárias são rejeitados/as, objeto de discriminações e inferiorizados no dia a dia das nossas escolas” (CANDAU, 2012, p. 236-37).

E o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, na sua primeira edição (2016), lembra-nos que

o desafio de articular fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africana e afro-brasileira no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça. São realidades que, iluminadas pela fé e em comunhão com a Igreja, precisam fazer parte, de forma transversal, de um “currículo evangelizador” (VE 30), voltado para uma aprendizagem integral. (PEC, 2016, p. 36).

A insurgência da interculturalidade no contexto educacional

Diante de tais demandas no âmbito educacional, surgem as discussões e estudos sobre o potencial curricular da *interculturalidade crítica*, compreendida como um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a sua integração a partir da valorização das diversidades e da promoção do “potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (Fleuri, 2005).

Essas demandas se intensificam a partir da globalização e da ampliação dos mercados, do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e do aumento contínuo do fluxo de bens, de informações, além do contato maior entre as pessoas, ressignificando os diversos tipos de fronteiras. Concebida como arena de relações de poder, a interculturalidade busca cartografar tanto as lutas das minorias quanto as reações representadas por conservadorismos que geram violência, ódio e segregação (REIS, 2017).

Um dos aspectos fundamentais da interculturalidade crítica é o tensionamento entre as questões de identidade e de diferença, que acabam por gerar as lutas pelas representações dos diferentes grupos, que, por sua vez, buscam o fortalecimento, o reconhecimento e a visibilidade das suas identidades, através do pertencimento étnico, de gênero, de orientação sexual, de nacionalidade, de língua, de religião etc. Como a identidade e a diferença são forjadas ativamente por meio da linguagem, elas são constituídas nas relações sociais e culturais (SILVA, 2000) e são valoradas conforme as hierarquias estruturais de cada sociedade.

Nessa perspectiva, a escola, como uma das principais práticas sociais capazes de promover um espaço democrático de aprendizagens críticas e transformação social, deve revisitar seus currículos, garantindo que um dos pressupostos fundamentais em sua constituição seja a abordagem intercultural, como chave de uma leitura crítica, diversa e plural da realidade, num movimento dialético e complexo, em que, ao mesmo tempo que promove espaços e discussões das diferenças, também analisa, problematiza e combate as mais diversas formas de intolerância e violência contra alguns grupos sociais.

Weschenfelder *at all* defendem:

De acordo com Biesta (2013, p. 180), “a questão educacional chave é como os indivíduos podem ser sujeitos, tendo em mente que [...] só podemos ser sujeitos em ação, isto é, em nosso ser com os outros”. Se a escola é uma maquinaria produtora de subjetividades normalizadoras que serviram aos propósitos da modernidade (Veiga-Neto; Traversini, 2009), essa mesma escola pode se tornar um espaço e um tempo de fabricação de subjetividades que estejam pautadas na singularidade, na possibilidade de viver em um mundo marcado pelas diferenças, de trabalhar com os afetos. Para que outras subjetividades sejam possíveis na escola, é importante que a docência seja constituída não só pela sensibilidade e

pelas relações de aprendizagem com o outro, mas também pelo compromisso ético e social com a luta pela diminuição das diversas desigualdades.

A interculturalidade deve ser, para a educação, uma das ferramentas para o desenvolvimento crítico das diferenças e das identidades, constituindo a fronteira do respeito, valorização e acolhimento ao outro. E a escola, como espaço de encontro pedagógico, em que se promovem e sistematizam conhecimentos e saberes culturalmente relevantes e potencializadores da democracia e da justiça social, deve ofertar um ensino em que todos esses atores possam experimentar o “estado de diálogo” (Biesta, 2020) ”.

A interculturalidade prevê, a partir da hibridização, que os conhecimentos escolares sejam um complexo constituído de culturas acadêmicas e de culturas vivenciadas pelos alunos, tensionando, de forma produtiva, as representações culturais presentes no espaço escolar e as representações de outros contextos de produção cultural, experimentada pelos atores envolvidos nesse processo educacional. A interculturalidade contribui para a constituição de um currículo que seja culturalmente relevante, capaz de promover tanto a aprendizagem formal e acadêmica prevista, quanto as experiências e as identidades culturais dos estudantes, incluindo a experiência da diversidade e das diferenças dos diversos atores educacionais. (PEREIRA, 2018).

Dessa forma, articulada e transversalizada no currículo, a interculturalidade deve fomentar concepções, abordagens, objetivos de aprendizagem, metodologias, estratégias de ensino e projetos educativos que explorem, no sentido ético e político, valores relevantes para o desenvolvimento da justiça social, como, por exemplo, respeito e valorização da identidade e alteridade, solidariedade, fraternidade, equidade, interação, diálogo democrático, reciprocidade etc.

Para isso, as ações educativas devem ter intencionalidade, e as atividades pedagógicas devem garantir experiências de aprendizagem a todos os atores, nas suas diferentes culturas. Devem ir além de um movimento multicultural, que se limita a estudar as diferenças e identidades como objetos de estudo, promovendo a interação entre as diversas e múltiplas culturas, num movimento complexo em que os conflitos sejam conduzidos de forma positiva, produtiva e educativa, mobilizando e deslocando os sujeitos, de forma a ressignificarem valores e leituras das realidades sociais em que estão inseridos. Todo esse processo educativo deve estar alicerçado nas relações interpessoais, socioculturais e pautado na cultura do cuidado e do respeito.

Em resumo, Candau (2000, p. 23), reconhecendo a produtividade da interculturalidade na educação, considera que ela

- a) promove deliberadamente a inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade; b) concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução; c) afirma ser os processos de hibridização cultural intensos e mobilizadores da construção de

identidades abertas, em construção permanente, o que supõe que as culturas não são “puras”; d) endossa a consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais; e) não desvincula as questões da diferença e da igualdade presentes hoje de modo particularmente conflitivo, tanto no plano mundial quanto em cada sociedade. (REIS, 2017, p. 140).

O compromisso da Companhia de Jesus com as questões interculturais do tempo presente

Considerando, portanto, que a cultura, no sentido sempre plural, diz respeito a uma constituição histórica e imanente do ser humano, em sua dimensão pessoal e coletiva, os projetos educativos das escolas jesuítas, pautados nos princípios da Companhia de Jesus, reconhecem que a escola é arena sociocultural e espaço de encontros culturais. A relação sociedade/escola, genuinamente geradora de significados, permite interações potentes entre os sujeitos, mobilizando espaços de regeneração e de reconciliação das realidades sociais em que estes sujeitos estão inseridos.

Prof. Guidini (2023), Diretor da Rede Jesuíta de Educação no Brasil, em sua alocução aos educadores do Colégio Antônio Vieira, em Salvador-Ba, ressalta que “o colégio deveria ser visto como micro espaço social e político onde se aprende a respeitar a diversidade, a participar, a valorizar o outro e a reconhecer a cultura em seu contexto histórico” (GUIDINI, 2023, p. 1).

E o documento *Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI* (2019), no seu sétimo identificador, traz, de forma explícita, que “os Colégios Jesuítas estão comprometidos com a Interculturalidade”. Esse documento lembra-nos, como sinal do tempo presente, que “muitos grupos, de governos a comunidades religiosas, têm encontrado dificuldade para se adaptar. Em muitos casos, os desafios das rápidas mudanças levaram à retração, com tentativas de sustentar muros culturais, religiosos e até a vontade de recorrer à violência” (TV, 2019, p. 13).

Em sua segunda Preferência Apostólica Universal, a Companhia de Jesus reitera a importância e necessidade de “caminhar junto aos pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade, numa missão de reconciliação e justiça”. O apostolado da comunidade jesuíta lembra o seu compromisso “com os migrantes, deslocados, refugiados, vítimas de guerras e do tráfico de pessoas; com a defesa da cultura e existência digna dos povos nativos” (TV, 2019, p. 27).

E na terceira Preferência, que trata de “acompanhar os jovens na criação de um futuro cheio de esperança”, a Companhia de Jesus reforça o entendimento esperançoso de que

os jovens vivem a tensão entre as tendências à homogeneidade cultural e a emergência de uma sociedade humana intercultural que respeite a diversidade e dela se enriqueça. A lógica da economia do mercado conduz à homogeneidade. Pelo contrário, a juventude aspira à diversidade que

corresponde ao exercício da liberdade e abre espaços criativos para contribuir ao surgimento de uma sociedade humana intercultural. (TV, 2019, p. 27).

Os projetos educativos das escolas jesuítas estão, portanto, implicados com a constituição de currículos - como artefatos históricos, culturais e sociais - que problematizem as relações de poder e sejam capazes de explorar e articular as múltiplas identidades individuais e sociais, reconhecendo e valorizando as diferenças e promovendo a justiça social, num movimento constante de formação para uma cidadania global.

E o documento *Tradição Viva* (2019), considerando a emergência de uma educação para a cidadania global, uma formação cidadã que seja desenvolvida de forma integrada ao currículo, convoca todos os atores educacionais para incorporarem exemplos globais e culturais ao longo de seus estudos;

quando são ensinadas habilidades comunicativas que sejam inclusivas, efetivas e globalmente conscientes; quando todas as disciplinas são abordadas a partir do reconhecimento da globalização e do seu impacto na aprendizagem no século XXI; e quando as experiências globais e multiculturais são priorizadas nas realizações dos estudantes e na contratação de professores para a missão.

Isto deve levar a uma pedagogia e a um programa destinados a preparar os estudantes para entender e respeitar as culturas mundiais, respeitar e valorizar a diversidade, estar abertos a experiências de países, costumes e culturas diferentes das suas e para ter uma perspectiva global sobre as injustiças sociais. (TV, 2019, p. 66).

No 7º identificador, que trata diretamente dessa questão, convocando os Colégios Jesuítas para estarem comprometidos com a interculturalidade, o documento lembra que o mundo contemporâneo está “marcado pela polarização e pelo medo do diferente” (TV, 2019, p. 76), gerando a substituição das relações mútuas e do discurso honesto pelo “egoísmo e a intolerância superficial, que assume muitas diferentes formas: nacionalismo extremo, tribalismo, racismo, sexismo e sectarismo. Muitas comunidades são divididas por tensões raciais, étnicas e religiosas e pela violência sem sentido que elas geram” (TV, 2019, p. 76).

O documento também problematiza o fato de que uma cultura consumista, naturalizada pelas lógicas mercadológicas globais acaba por fragilizar as tradições e os costumes locais. E professa que “a Companhia de Jesus em nível mundial reconhece que a inculturação e o diálogo inter-religioso são componentes essenciais de sua missão de promover fé e justiça (34ª Congregação Geral)” (TV, 2019, p. 76), defendendo que “nenhuma cultura ou sociedade está excluída do amor salvador de Deus, e toda pessoa tem a dignidade de ser Seu filho” (TV, 2019, p. 76).

O Pe. Geral Arturo Sosa, em sua alocução no JESEDU/2017, lembra-nos que “o Papa Francisco prefere usar a imagem geométrica do poliedro em lugar da ‘esfera’ para falar da

globalização”, reconhecendo que “tanto o conceito de catolicidade como a imagem do poliedro recolhem bem o significado da interculturalidade” (TV, 2019, p. 77). O Padre Geral considera que “o ideal é que cada ser humano, ou cada povo, seja capaz de sentir-se parte da humanidade, tornando-se consciente de sua própria cultura (inculturação), sem absolutizá-la”. (TV, 2019, p. 77).

E o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação do Brasil, em alinhamento aos propósitos curriculares de uma educação intercultural, convoca seus educadores ao desafio da articulação da fé, da justiça e da reconciliação, explorando temas caros à interculturalidade e problematizando as narrativas de exclusão dos mais diversos grupos do processo de socialização: étnico-raciais, de gênero, religiosos, portadores de deficiências, idosos, imigrantes, pobres etc.

Diante do contexto vivido e dos desafios na garantia de um apostolado educativo pautado na interculturalidade, os educadores das escolas jesuítas buscam ressignificar e redescobrir meios e recursos que promovam as articulações curriculares das múltiplas expressões culturais, retomando a escola como espaço democrático, plural e, ao mesmo tempo, comum, em que as alteridades possam ser respeitadas, valorizadas, reconhecidas, representadas, vivenciadas e também estudadas.

Isso implica a ressignificação de currículos, de práticas pedagógicas, de concepções e formações docentes, de maneira que possam nortear itinerários de aprendizagem potenciais de diálogos interculturais, buscando superar os modelos educativos segregadores, excludentes e colonizadores.

As respostas curriculares do Colégio Antônio Vieira às demandas interculturais

No Colégio Antônio Vieira, em Salvador-Bahia-Brasil, desde seu Projeto Político Pedagógico (2022), em alinhamento ao Projeto Educativo da Rede Jesuíta de Educação (2016 e 2021) e considerando o Paradigma Pedagógico Inaciano, os educadores reconhecem que

diversidade e inclusão (cultural, social, política, linguística, identitária, por exemplo), justiça social, formação científica a partir das perspectivas de uma educação humanística, entre outros, são conceitos que devem ser trabalhados, contribuindo com a estruturação dos fundamentos do conceito e dos valores referentes à Cidadania Global. (PPP, 2022, p. 42).

Em outras palavras, trata-se do reconhecimento da interculturalidade como elemento potencial para uma formação integral e integradora para a Cidadania Global. E, nessa perspectiva, o currículo do Antônio Vieira, além de desenvolver os conhecimentos, as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, para além dos marcos legais, também explicita “sua Pedagogia Inaciana, as metodologias e abordagens pedagógicas consideradas mais profícuas para a formação desse cidadão, comprometido com a

realidade em que está inserido” (PPP, 2022, p. 33) e atento às “questões gerais e locais do tempo presente, valorizando as diferenças culturais e as singularidades de sua comunidade” (PPP, 2022, p. 33).

Para o Colégio Antônio Vieira,

conceber currículos por um pensamento complexo, heterogêneo e multirreferencial, é conectá-los ao contexto contemporâneo em que vivemos, de forma que as pautas educacionais foquem na concepção do multiculturalismo [e da interculturalidade], reconhecendo conteúdos que recuperem as vozes de grupos silenciados socialmente. Um vínculo entre o conhecimento escolar, prática pedagógica, as identidades e as relações de poder/saber. Esses conteúdos, explorando os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos cotidianos, devem, ao mesmo tempo, denunciar as exclusões, bem como apresentar alternativas que permitam o desenvolvimento do diálogo, da política do respeito às diferenças e da solidariedade. (PPP, 2022, p. 36-37).

Nessa perspectiva, a interculturalidade deve ser um dos principais pressupostos de constituição de currículos multirreferenciais, “capazes de contemplar várias perspectivas da realidade, considerando as ambivalências, pluralidades, heterogeneidades que compõem os saberes ‘escolares’ e as práticas pedagógicas” (PEREIRA, 2018, Introdução).

Tais propostas curriculares buscam, intencionalmente, desenvolver a capacidade de elaborar respostas para as questões do mundo, outorgando os atores educacionais para a sua participação nas lutas sociais e culturais relativas aos diversos e múltiplos significados.

Na busca, cada vez maior, desse propósito, nas redes de fazeres e poderes da nossa escola, o projeto político pedagógico do Colégio, em diálogo com as outras unidades da Rede Jesuíta de Educação no Brasil (RJE) e da América Latina (FLACSI), propõe um Mapa de Aprendizagens para a Formação Integral (MAFI), cujo eixo transversalizador seja a cultura, dialogando, atravessando e conectando todas as dimensões desenvolvidas na formação integral.

O MAFI do Colégio Antônio Vieira é um referencial que se articula à arquitetura curricular, oferecendo itinerários que valorizem e explorem a integração das experiências, dos saberes e das tecnologias educacionais, potencializando uma aprendizagem contínua, significativa, inter e transdisciplinar, conectada à realidade do estudante.

O Mapa organiza-se a partir de três dimensões que compõem o projeto de formação integral (socioafetiva, cognitiva e humano-espiritual). E, considerando os referenciais teóricos que norteiam o PPP, considera a cultura como eixo fundamental, que transversaliza as três dimensões, dando sentido e atualização aos processos de aprendizagem.

DIMENSÃO	EIXO	COMPETÊNCIA
DIMENSÃO SOCIOAFETIVA	Relação consigo mesma(o)	<ul style="list-style-type: none"> • Autocuidado • Autoconhecimento • Valorização de si mesmo (a)
	Relação com os demais	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação • Sexualidade • Colaboração
	Relação com o mundo	<ul style="list-style-type: none"> • Participação e cidadania • Solidariedade • Vocação
DIMENSÃO COGNITIVA	Pensamento metacognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Autorregulação • Tomada de consciência • Planejamento
	Pensamento crítico	<ul style="list-style-type: none"> • Aquisição de conhecimento • Argumentação • Discernimento
	Pensamento criativo e proativo	<ul style="list-style-type: none"> • Criatividade • Originalidade • Empreendedorismo social
DIMENSÃO HUMANO-ESPIRITUAL	Vida interior da pessoa e experiência de discernimento	<ul style="list-style-type: none"> • Autoconsciência • Contemplação • Responsabilidade
	Sentir com a igreja: experiência comunitária e celebrativa	<ul style="list-style-type: none"> • Sentido de pertença • Vivência comunitária • Visão Integral
	Missão: experiência de testemunho e serviço	<ul style="list-style-type: none"> • Compassividade • Empatia • Serviço
TRANSVERSALIZAÇÃO DA CULTURA		
Busca formar sujeitos interculturais, integrando os diferentes saberes, valorizando e interconectando as diversas e múltiplas manifestações culturais para uma cidadania global, comprometida com o respeito e valorização da diversidade		

Quadro Síntese do MAFI Colégio Antônio Vieira, 2022.

Cada dimensão apresentada é desdobrada em suas especificidades, constituindo-se em prática a partir da complementação das dimensões desenvolvidas e da articulação com a matriz curricular, num processo reticular, em que os eixos, as competências, as habilidades e a arquitetura curricular vão se conectando numa ampla rede de aprendizagens integrais e integradoras. As competências dessas dimensões vão se aprofundando progressivamente, conforme faixa etária e segmentos propostos.

Assim, o desafio é ter uma visão holística de todos os elementos e conseguir operacionalizar práticas pedagógicas que concebam como inegociável a constituição de currículos que, implicados com a formação de pessoas competentes, compassivas, conscientes, criativas e comprometidas,

desenvolvam competências voltadas para a problematização e intervenção dos projetos sociais excludentes desse mundo globalizado, empoderando os sujeitos para a sua participação nas lutas relativas aos significados sociais e culturais (MOREIRA, 2005). (MAFI, 2022, Apresentação).

Essa transversalização da cultura propõe desenvolver aprendizagens de hibridização entre o tradicional e o moderno, entre o culto e o popular, potencializando a liberdade de pensamento e expressão, sem as fronteiras e restrições delimitadas por meio de conceitos preestabelecidos de nação, religião, etnia, gênero etc., valorizando a heterogeneidade e as possibilidades de referências para a construção das identidades móveis, numa rede cultural complexa e plural.

O MAFI do Colégio também considera que

um currículo intercultural no ambiente escolar possibilita a reciprocidade, interação, conexão, intermediação, o encontro e diálogo de culturas, formando sujeitos que se conformam junto aos outros, em um mundo intercultural e planetário, que se constituem dentro de sua cultura e seu tempo histórico, como sujeitos "inter", marcados por um mundo em movimento. (MAFI, 2022, p. 7).

E, na prática educacional, por meio das articulações possíveis entre as três dimensões e a arquitetura curricular, as atividades pedagógicas, os projetos inter e transdisciplinares, as ações educacionais, as metodologias, os recursos, os conhecimentos e saberes, de forma intencional, exploram a interculturalidade nas suas múltiplas possibilidades.

Os múltiplos saberes, as identidades, as culturas e as potencialidades são estudados, vivenciados, reconhecidos, valorizados, respeitados, debatidos, combatendo todo tipo de preconceito e exclusão e reconhecendo todas as diferenças como parte de uma coletividade local e global, com a qual todos devem se comprometer.

Algumas práticas do cotidiano escolar

Além das atividades pedagógicas que vão constituindo o cotidiano escolar, no qual os educadores, orientadores, pastoralistas e gestores do âmbito acadêmico desenvolvem conteúdos e vivências interculturais, há também a constituição de um comitê étnico-racial e de gênero, que busca desenvolver, com toda a comunidade vieirense, estudos e estratégias fundantes, que potencializem o entendimento e as práticas de uma educação antirracista e antimisógena.

Um dos exemplos foi a formação oferecida a todos os colaboradores, em 2021, com a Prof^a Pós-Doutora em Sociologia da Educação, Nanci Franco (UFBA), que abordou o tema de uma educação para as relações étnico-raciais como um dos caminhos para combater o racismo e a discriminação racial, considerando a necessidade de que a história seja contada a partir de várias perspectivas, dando visibilidade às diferentes culturas no universo escolar.

Há ainda uma gestão específica de coordenação cultural, que articulada aos projetos pedagógicos das séries e também aos eventos institucionais, busca potencializar as pautas interculturais, por meio de experiências que fortalecem o diálogo, a reflexão, o aprendizado, o convívio com a diversidade.

No âmbito acadêmico, na perspectiva da formação integral, apresentam-se a seguir alguns exemplos de projetos interdisciplinares, que, de forma explícita, sistematizada e intencional, exploram as mais diversas frentes temáticas em convergência com as questões da interculturalidade.

Convidando os estudantes, por meio de estudos, pesquisas, debates e vivências de culturas e valores dos diversos grupos socioculturais, o Colégio desenvolve projetos que possam consolidar as principais linhas norteadoras do propósito educativo da Companhia de Jesus e de seu compromisso com a interculturalidade. Abaixo, como ilustração, seguem alguns exemplos de projetos desenvolvidos pelos educadores.

- O Projeto “*A minha, a sua, a nossa casa comum*” (2º Ano de Ensino Fundamental) convida as crianças, a partir de seus saberes e suas culturas, a se reconhecerem como parte cidadã de uma comunidade global e, como tal, compromissada com o cuidado com a casa comum.



Disponível em: <https://www.colegioantoniovieira.com.br/projeto-pedagogico-do-2o-ano-ef-destaca-importancia-do-cuidado-com-a-casa-comum/>. Acesso em 12 de fev. 2023.

- O projeto “*Raízes Africanas*” (3º Ano Ensino Fundamental) proporciona às crianças experiências significativas acerca da diversidade cultural, trabalhando o fortalecimento e o empoderamento de todos, para que tenham orgulho da sua identidade brasileira, constituída pelas diversas etnias, além de se tornarem sujeitos agentes da valorização da história e da cultura negra.



Disponível em: <https://www.colegioantoniovieira.com.br/projeto-raizes-africanas-usa-ludicidade-para-promover-reflexoes-de-criancas-sobre-racismo/>. Acesso em 12 de fev. de 2023.

- O Projeto “*Criando e Recriando o Mundo*” (5º Ano de Ensino Fundamental) explora a temática “identidade e educação”, a partir do eixo norteador da Campanha da Fraternidade (2022): *Fraternidade e Educação*. O projeto convidou estudantes a conhecerem mais profundamente a realidade educacional do Brasil, ressaltando a importância desse âmbito para o processo de humanização, valorização e respeito à vida humana, inclusive, ante às questões étnico-raciais e de gênero. Esse projeto motiva os estudantes a explorarem possibilidades de transformação das realidades em que vivem, na consolidação de um mundo mais saudável, ético, justo, igualitário e fraterno para todos os habitantes.



Disponível em: < <https://www.colegioantoniovieira.com.br/fotos/criando-e-recriando-o-mundo-2022/#images-18>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

- O Projeto “*Humanidades e Heranças Africanas*” (7º Ano Ensino Fundamental) explora temáticas voltadas para o reconhecimento e respeito às religiões de matriz africana, como forma de enriquecer o repertório, mas também para valorizar ainda mais a diversidade e contribuir com o combate à intolerância religiosa. Outros temas abordados foram a *representatividade negra no empreendedorismo* e o *racismo estrutural no mercado de trabalho*, inclusive, no esporte, já que, mesmo diante de tantas campanhas, tem sido uma realidade recorrente nos estádios, mesmo em relação a grandes atletas de performance acima da média.



Disponível em: < <https://www.colegioantoniovieira.com.br/projeto-humanidades-e-herancas-africanas-aprofunda-reflexoes-sobre-racismo-e-valorizacao-da-cultura-do-povo-preto/>>. Acesso em 12 de fev. de 2023.

- O Projeto “Movimento Direitos Humanos” (9º Ano do Ensino Fundamental) aborda a importante pauta da garantia dos direitos humanos, como processo necessário para a dignidade humana. Ao aprofundar essa temática, os estudantes vivenciam e desenvolvem uma visão crítica da realidade enquanto cidadãos globais, em consonância com a proposta de formação integral da Rede Jesuíta de Educação (RJE).



Disponível em: < <https://www.colegioantoniovieira.com.br/praticas-pedagogicas-exploram-criatividade-e-ampliam-conhecimentos-sobre-direitos-humanos/> > . Acesso em 12 de fev. de 2023.

- O Projeto “Migragente” (1ª Série do Ensino Médio) desenvolve diversas ações relacionadas às migrações internacionais, as crises humanitárias, as intolerâncias e diversas formas de violência à dignidade humana.



Disponível em: < <https://www.colegioantoniovieira.com.br/projeto-migragente-traz-reflexoes-sobre-crise-de-refugiados-para-alunos-do-ensino-medio/> > . Acesso em 12 de fev. de 2023.

- O Projeto “Ethos” (2ª Série do Ensino Médio) explora os diversos conflitos e avanços socioculturais do século XXI, convidando os estudantes, a partir da pesquisa, análise, interpretações, discussões e debates, a problematizarem acerca dos rumos que o mundo está tomando nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais, via ambivalências local/global, pessoal/coletivo, riqueza/pobreza, produtivo/civilizacional.



Disponível em: < <https://www.colegioantoniovieira.com.br/projeto-ethos-jovens-do-vieira-fazem-capsula-do-tempo-para-registrar-contexto-pandemico/> > . Acesso em 12 de fev. de 2023.

Considerações finais

Por fim, considerando que “assumir a diversidade supõe reconhecer o direito à diferença como um enriquecimento educativo e social” (IMBERNÓN, 2002, p. 82), as escolas, por meio de seus currículos, para além de explorarem a alteridade como objeto de conhecimento, devem oportunizar, nas múltiplas dimensões da formação integral, experiências de interação entre os diferentes sujeitos culturais.

E os colégios jesuítas, que, em sua tradição, estão comprometidos com uma educação transformadora, para a reconciliação e justiça social, seguem no esforço de atualizar seus currículos, a partir das imanências e insurgências do tempo presente. Nessa perspectiva, buscam promover percursos formativos, que respondam às demandas sociais de reconhecimento das diferenças e de transformação dos contextos políticos e socioculturais marcados pela intolerância, exclusão e violência.

As pautas educacionais das escolas jesuítas estão, portanto, implicadas, de alguma forma, com a interculturalidade, reconhecendo conteúdos e experiências pedagógicas que recuperem as vozes de grupos silenciados socialmente e, num câmbio sistêmico de conhecimentos acadêmicos universais e conhecimentos e saberes cotidianos, buscam, ao mesmo tempo, denunciar as exclusões, bem como apresentar alternativas que permitam o desenvolvimento do diálogo, da política do respeito às diferenças, da solidariedade e reconciliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: utêntica, 2013.
- BIESTA, G. **A (re)descoberta do ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- CANDAU, V. M. F. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- IMBERNÓN, F. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: IMBERNÓN, F. (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- PEREIRA, Ana Paula Marques. **Constituição de currículos multirreferenciais: caminhos possíveis**. 2018.
- REIS, Darianny Araújo dos. **Currículo Intercultural Crítico na Escola: Formação que produz diferenças**. Revista Teias, v. 18, n. 50, p. 135-150, 2017.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; OLIVEIRA, Joelma Fernandes de; FABRIS, Ele Terezinha Henn. **Docência e relações interculturais na fronteira Brasil-Venezuela**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 102, p. 668-688, 2022.

DOCUMENTOS RELACIONADOS À COMPANHIA DE JESUS

COMPANHIA DE JESUS. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI**. São Paulo: Loyola, 2019.

GUIDINI, Fernando. **Aprendizagem Integral: Currículo e Dimensões**. Janeiro de 2023.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2016.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Loyola, 2021.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. **Projeto Político Pedagógico**, 2022.

COLÉGIO ANTÔNIO VEIRIA. **Mapa de Aprendizagens para a Formação Integral**, 2022.